

*Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana  
no Romanceliro da Galiza*, de José Luís Forneiro

**Carlos Garrido**

**Formas de citación recomendadas**

**1 | Por referencia a esta publicación electrónica\***

GARRIDO, CARLOS (2011 [2007]). “*Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceliro da Galiza*, de José Luís Forneiro”. *Agália* 91-92, 290-293. Reedición en *poesiagalega.org*. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura.  
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/169>>.

**2 | Por referencia á publicación orixinal**

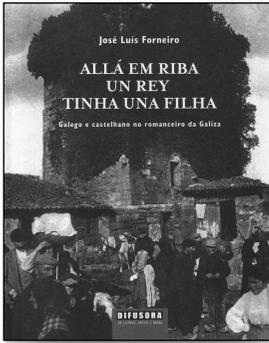
GARRIDO, CARLOS (2007). ““*Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceliro da Galiza*, de José Luís Forneiro””. *Agália*: 91-92, 290-293.

\* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

**ALLÁ EM RIBA UN REY TINHA UNA FILHA. GALEGO E CASTELHANO NO ROMANCEIRO DA GALIZA, DE JOSÉ LUÍS FORNEIRO**

por Carlos Garrido

(Univ. de Vigo / Comissom Lingüística da AGAL)



O interessante trabalho que aqui glossamos, três anos voltados desde a sua publicação, constitui um bom exemplo da grande utilidade que, para o conhecimento da riqueza histórica do galego e, *por conseguinte*, para a sua codificação actual, encerra a compilação e análise de *enunciaçons fossilizadas* pertencentes à tradição oral da Galiza, sejam elas provérbios, contos e cançons populares ou, como neste caso, *romances*, i. é, composições poéticas de carácter narrativo. Numha modalidade lingüística como a galega, em que as contingências da história fórom empobrecendo e obliterando o seu património, tais testemunhos de um passado mais ou menos recuado, mas ainda actualizado na fala espontânea do povo, permitem reconstituir para o presente, como que agrupando os destroços de um naufrágio, um corpo idiomático de maior genuini-

dade e vigor, a realçar o estreito vínculo existente entre o galego *codificável* e as suas variantes meridionais, socialmente estabilizadas. Se, a esse respeito, para um largo público hoje interessado na língua da Galiza já estavam disponíveis na bibliografia claros indícios de tal utilidade no caso dos provérbios (veja-se, por exemplo, o capítulo sobre o futuro do conjuntivo na introdução ao *Refraneiro Galego Básico* compilado por Xesús Ferro Ruibal) e no caso das cantigas populares (veja-se, por exemplo, a *Literatura popular de Galicia* de Saco e Arce [comentada por Maurício Castro em *Agália*, 56], ou o grande rendimento que, na abonação de estruturas morfossintácticas genuínas mostra na *Gramática* de Xosé Ramón Freixeiro Mato o *Cancionero popular gallego* compilado por P. Ballesteros), o livro que agora resenhamos oportunamente vem a confirmar Ce, como veremos, de modo quase paradoxalC aquela estratégia restauradora também com base no romanceiro tradicional da Galiza.

Estamos a referir-nos a *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceiro da Galiza*, livro<sup>1)</sup> de muito oportuna aparição e muito rigorosa feitura em que José Luís Forneiro analisa, com afâm divulgativo, a constituição da língua em que o romanceiro da Galiza é veiculado, língua de natureza híbrida galego-castelhana, como patenteia o curioso título escolhido para o volume.

1. José Luís FORNEIRO. 2004. *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceiro da Galiza*. Difusora de Letras, Artes e Ideas. Ourense.

José Luís Forneiro, professor titular do Departamento de Filologia Galega da Universidade de Santiago de Compostela e investigador que foi da Fundação e do Seminário Menéndez Pidal, publicara com anterioridade *El romancero tradicional de Galicia: una poesía entre dos lenguas* (2000), polo que cabe atribuír-lhe a condición de grande especialista nesta interesante manifestación da cultura popular galega. O libro do Prof. Forneiro que aquí resenhamos divide-se, após a introdución, en dúas partes. Na primeira, intitulada «*O bilingüismo da Galiza e a mistura lingüística do romancero galego*», procede-se a desenhar unha caracterización sociolingüística da Galiza, enquanto matriz en que som inicialmente acolhidas e posteriormente reelaboradas unhas composicións épico-líricas de orixe maiormente castelhana que, ao longo do tempo, serán parcialmente galeguizadas, para darem assim orixe ao tam peculiar acervo romancístico da Galiza. Nesta análise sociolingüística, interessa muito ao autor vincar a precoce e prolongada «*desde o fim da Idade Média até à actualidade*» exposición das camadas camponesas galegas à língua castelhana, familiarización com o castelhana que, em conjunto com a histórica subalternización sociocultural da língua galega e o carácter memorialístico do romancero, explicarían o facto de na Galiza, em contraste com o que aconteceu em Portugal, as composicións romancísticas castelhanas nom terem experimentado mais do que unha leve adaptación lingüística, de modo a originar-se a língua híbrida galego-castelhana, com nítida preponderância castelhana, peculiar do romancero da Galiza. A nosso juízo, nesta parte do livro, o Prof. Forneiro acerta plenamente ao assinalar, recorrendo ao contributo de

diversos sociolingüistas, a prolongada e importante influência lingüística do castelhana no mundo tradicional galego (pág. 16: «*Ainda que seja difícil esboçar os diversos graus de bilingüismo que se produzírom na sociedade galega durante os diversos períodos históricos [...], julgamos que nom se tenhem tido em conta algunhas realidades que induzem a pensar que a presença do castelhana na sociedade galega vem de muito mais longe.*»), a qual nom apenas ajuda a entender a substancial conservação da expressom castelhana no romancero da Galiza, como também –e aqui o autor está muito consciente de erodir unha «*base até agora inquestionável do discurso cultural da Galiza contemporânea*»– a própria descaracterização, profundamente castelhanizante, da língua da Galiza. Numha altura em que os representantes da corrente codificadora isolacionista com tanta facilidade aventam peregrinas hipóteses de «*evolução lingüística autónoma na Galiza*», destinadas a legitimar, em detrimento da coesom galego-portuguesa, inverosímeis alinhamentos unilaterais do actual galego popular com o castelhana (como a da «*espontânea*» generalização pós-medieval dos cultismos em *-ción* [numha Galiza analfabeta!]), a chamada de atenção do autor para o carácter entranhadamente bilíngüe (e preponderantemente castelhana) da expressom romancística assimilada e transmitida desde a Idade Média polo povo da Galiza decerto contribui para derrubar o «*mito*», tam caro aos codificadores da RAG-ILG, de unha pureza e isolamento lingüísticos do campesinato galego que se estenderia até ao século XIX.

A propósito desta primeira parte do livro, de argumentação muito rica e eficaz na integração de diversas fontes de informação, o redactor desta

recensom quereria manifestar apenas um ponto de discrepância com o autor: a apaixonada vindicação que no estudo se fai do interesse cultural e lingüístico do romanceiro da Galiza «*totalmente justificada*» e a constataçom da histórica familiarizaçom do camponês galego com a língua castelhana «*a qual é de facto atestada polo romanceiro*» levam por vezes o autor a insinuar juízos de valor sobre a condiçom alegadamente bilíngüe da comunidade galega que, com independência do sinal ou orientaçom daqueles, no contexto do presente trabalho, polo seu carácter científico e divulgativo, talvez fosse conveniente omitir (p. ex., pág. 38: «*Em contraste, pode observar-se em determinados ambientes cultos das comunidades bilíngües umha atitude de intolerante paternalismo quanto ao direito exercido polos falantes do mundo rural de recorrer à língua 'exterior' quando o consideram conveniente, e um desejo de que os camponeses vivam encerrados num absoluto monolingüismo.*»).

A segunda parte do livro, de carácter expositivo e intitulada «*Interesse filológico da língua do romanceiro galego*», representa umha notável achega, por um lado, aos estudos sobre a interferência lingüística, pois, a partir da análise da língua do romanceiro galego, aqui é realizado um pormenorizado levantamento de categorias de interferência entre galego e castelhana «*o mais completo até à data*», ilustrando-se cada umha delas com numerosos exemplos retirados do acervo de romances galegos: interferências fonéticas, morfofonéticas, morfossintáticas e léxico-semânticas; por outro lado, e na linha do consignado no início da presente recensom, o autor oferece nesta segunda parte do livro um rico «e às vezes surpreendente» repertório de castiças construções e vozes galegas que, hoje

esmorecentes ou já por completo desaparecidas na fala, testemunham a existência de um galego espontâneo mais rico e genuíno do que o actual e, por isso, mais solidário com o luso-brasileiro, ao mesmo tempo que inequivocamente confirmam a legitimidade e conveniência de umha estratégia de codificação cabalmente regeneradora. Assim, a partir do estudo da língua do romanceiro da Galiza, e de modo só aparentemente paradoxal «já que, embora se trate de um acervo textual caracterizado por umha maciça interferência entre galego e castelhana, o galego que nele está presente (enquanto língua interferidora!), como explica o Prof. Fornoiro, é genuíno na sua antigüidade e ruralidade», pode-mos verificar a radical galegidade e vigência popular, entre outras «jóias expressivas», do futuro do conjuntivo e do infinitivo flexionado (profusamente representados no romanceiro!), dos sufixos *-aria* e *-çom*, dos pronomes mesoclíticos e de vozes como *aborrecido* >enfasiado=, *abranger*, *atraiçoar*, *embora* (adv. intensificador do verbo *ir-se*), *ensinar*, *escada* (sentido geral), *França*, *janela* (como *jinela*), *Natal*, *povo*, *quinta-feira*, *ruivo*, *sino*, *sumir* >desaparecer=, *tanger*, *tirar* >extrair=, *trovom* (como *trevom*), *valeroso*...

Já no aspecto formal, o livro destaca pola sua boa redacçom e atraente formato, se bem que, a esse respeito, caiba também fazer-lhe duas pequenas críticas, a segunda das quais referida a umha circunstância que provavelmente nom seja imputável ao autor: por um lado, na composiçom da monografia, de modo antieconómico, aparecem misturados dous sistemas de referência bibliográfica, o baseado nas notas de rodapé e o baseado na inclusom de um capítulo final de fontes bibliográficas, sem que no corpo do texto figurem as

correspondentes remissons; por outro lado, o corpo de letra escolhido para o estudo introdutório (e, sobretudo, para o índice!) é pequeno demais para possibilitar umha leitura cómoda do texto. Finalmente, duas palavras (esperançosas) sobre a editora que deu a lume o interessante ensaio aqui resenhado. Desconhecemos as condições financeiras em que esta publicação foi realizada, mas, para já, damos os parabéns e manifestamos o nosso reconhecimento aos responsáveis da Difusora de Letras, Artes e Ideas porque, sendo esta umha entidade com vocação comercial, aqueles nom se recusam a abrir o seu catálogo à produção de criadores e investigadores que escrevem

em galego-português, quando ainda hoje, numha atitude sectária e censora, indigna de um país civilizado, tantas outras editoriais galegas continuam a recusar-se, *por princípio*, a publicar qualquer texto que nom estiver composto em galego-castelhano.

Em conclusom, *Allá Em Riba un Rey Tinha una Filha. Galego e Castelhana no Romanceiro da Galiza*, obra do Prof. José Luís Forneiro, pola originalidade do tema abordado, polo rigor do seu tratamento e pola sua clareza expositiva, representa um notável contributo para a lingüística galega e, ao mesmo tempo, constitui umha leitura muito recomendável para toda a pessoa interessada na cultura e na língua da Galiza.

**EM TRÁNSITO: O BRASIL COMO PANO DE FUNDO  
NA NOVA PROPOSTA NARRATIVA DE RAQUEL MIRAGAIA**

por Joel R. Gómez  
(Grupo Galabra-USC)



*Mas a realidade tem muita facilidade para tornar-se sempre vencedora. Marcos e Inês sentiram como essa realidade se apoderava aos poucos das suas vidas, do tempo, do espaço... e cada vez eram maiores o balcom do bar e as ruas da cidade. Dia após dia iam reduzindo as viagens, as malas, as fotos nas paredes. Até que já nom havia mais que realidade.*

(Raquel Miragaia. *Em trânsito*, p. 50)

Na primavera de 2007 publicou-se *Em trânsito*<sup>(1)</sup>, um conjunto de nove narrativas de Raquel Miragaia, que tenhem como

nexo comum o deslocamento das pessoas. Textos breves em que o meio de transporte veicula histórias que combinam a quotidianidade com o excepcional, e evidenciam diferentes aspectos da comunicação, desde o transporte

1. Miragaia, Raquel, (Abril de 2007), *Em trânsito*, Ourense, Difusora das Letras, 96 páginas.